

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VI

Nº 75/81

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

poemas

crônicas

contos

artigos

ensaios

críticas

entrevista/ margarida patriota

Caçadora de palavras

BRASÍLIA DAS
ARTES PLÁSTICAS



Uma caçadora de palavras

**MARGARIDA
PATRIOTA**

□ **daniborges**

Especial para a DF LETRAS

Ela é uma escritora que circula e faz circular. Entre autores, palavras, textos, livros, poesias, lá está ela. Além de escrever livros para o público jovem – para ela “os romances que marcam são aqueles que lemos na juventude” –, Margarida Patriota é também conhecida no mundo da literatura – e não somente –, como a apresentadora do programa Autores e Livros, que vai ao ar semanalmente pela Rádio Senado. Por lá, já passaram mais de 100 autores. Entre eles, José Mindlin, Ziraldo, João Ubaldo Ribeiro, Lygia Bojunga, Cassiano Nunes, Rachel de Queiroz, e muitos outros. Também já foram produzidos mais de 25 programas literários temáticos. Professora de Teoria Literária da Universidade de Brasília, Margarida faz parte da Academia Brasiliense de Letras (ocupa a cadeira 37) cujo patrono é o poeta parnasiano Raimundo Correia.

Mas ela transcende a tudo isso. Muitas palavras



poderiam fazer entender a mulher Patriota: mulher, mãe, escritora, acadêmica, brasileira. Mas basta uma, um vocábulo apenas, e Margarida pode ser conhecida na essência. A palavra? Ora, palavra.

É pelo amor a ela, a palavra, que Margarida dedica-se a saber quem é quem no mundo dos livros. Por isso, ser entrevistado pela escritora é sinônimo de estar “bem encaminhado” nas Letras. Doutora em Literatura Francesa pela Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, Margarida tornou-se uma caçadora de palavras: “Estou sempre procurando palavras, sempre que escuto uma que me chama a atenção, anoto.”

Mas nem sempre foi assim. Na infância e adolescência Margarida queria ser pintora; sempre besuntada de tinta óleo, vivia fazendo arte: brigou na escola, fugiu de casa, foi traquina. Até que - por algo que nem ela sabe explicar ao certo - resolveu trocar o pincel pela pena, a tinta pelo verbo, a figura pela palavra. Como nunca perdeu o contato com a arte - foi casada por 11 anos com um colecionador de arte - pode-se dizer que Margarida escreve quadros. A escritora sonha em se aposentar e “quem sabe” dedicar-se a pintura, embora a apresentadora sempre diga: “A literatura me preenche completamente”. Aliás, no seu último livro, o romance *Meu pai vive de Arte*, o personagem principal é o artista plástico Luís Bérnago e o narrador é o filho dele, Salviano, um aspirante a escritor. Um vive de arte, o outro sonha viver de escrever. O livro ganhou o 1º lugar, em 1988, na categoria romance inédito, no concurso do Instituto Nacional do Livro - INL.

Hoje, o seu companheiro - como a própria Margarida gosta de dizer - é um colecionador de palavras; Joaquim Campelo Marques é o que poderíamos chamar de o dono do verbo. Foi a ele que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira legou a missão de manter atualizado o clássico dicionário da Língua Portuguesa: o Aurélio.

Na entrevista que segue Margarida vai além da sua experiência profissional. É uma conversa em que a escritora solta a palavra para falar de suas origens, das traquinagens de criança, da vivência em outros países, de sua vida de escritora, de professora da Universidade de Brasília, das crises de criação, da escritora, da apresentadora, da Margarida mulher. Afinal, esta foi, sem dúvida, uma conversa feminina.

DF LETRAS - Vamos começar falando do seu nome. Patriota é muito forte. Combinado com Margarida, um nome de flor, fica muito bonito. É pseudônimo ou nome de família?

Margarida Patriota - A lenda da família diz que a origem do sobrenome Patriota remonta à

Guerra do Paraguai. Vem do interior do sertão, do sertão foi para o litoral. Há Patriotas em São José do Egito (interior de Pernambuco), os repentistas. Há inclusive um deputado federal com esse sobrenome: Gonzaga Patriota. O meu pai é do Rio Grande do Norte, de uma praia, na esquina

onde o Brasil dobra; há vários Patriotas lá. Sem dúvida, Patriota surgiu na mesma época de sobrenomes como Brasil, Bandeira e Índio do Brasil. A minha mãe é fluminense.

Quer dizer que seu nome vem de uma lenda?

De acordo com a lenda, o meu tataravô, ao voltar da Guerra do

A

obra de Margarida Patriota

é marcada pela literatura direcionada ao público

infanto-juvenil. Entre os principais livros

destacam-se: Sobre os rios que vão, Memórias de um

pingo d'água e Viagem à terra do Brasil, uma adaptação de

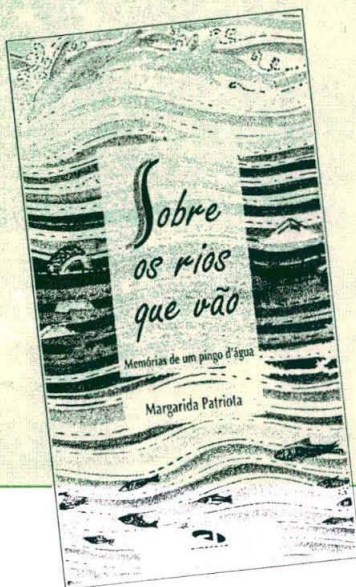
Margarida ao texto de Jean de Léry. Mas o público adulto

também tem espaço nas histórias criadas pela

apresentadora - um exemplo

é o seu último livro:

Meu pai vive de Arte.



Paraguai, queria ter sido reconhecido pelo Estado como um grande patriota (risos). Por isso, teria dado essa alcunha, Patriota, aos seus dois filhos. Os filhos de um deles não receberam o sobrenome. O outro era Luiz Antônio Patriota; é desse ramo que vem o meu pai. Patriota é um nome forte, carrego como uma coisa que tem muito a ver comigo. Nem sei se é um bom sobrenome literário ou um bom pseudônimo, um sobrenome nativista, mas é do meu nome mesmo (risos).

A união do que é forte com o que é sensível.

Evoca, não é? Bom, mas você disse que queria saber quem sou. Eu realmente não sei... (risos)

A senhora é mãe, escritora, acadêmica, apresentadora de um programa de rádio, intelectual, mulher... Qual é a visão que Margarida Patriota tem de Margarida Patriota?

Tenho um sentimento arraigado de ter nascido para as artes, de ser artista. Em criança nunca revelei, não tive um pendor específico para as letras, nunca me destaquei em redações do colégio e nunca escrevia diários. Me destaquei, sim, pelo desenho. Eu pensei que seria pintora. Cheguei até a fazer pré-vestibular para ingressar no curso de Belas-Artes. Foi uma época em que eu saía de manhã e praticamente pintava o dia inteiro. Vivia besuntada de tinta óleo. Mas, ao mesmo tempo, eu não sei... Foi assim, na adolescência, que tive aquele chamado. Não sei por

“*Até os 15 anos não tive a menor preocupação quanto a estudo ou idéias. Fazia arte e brincava. Fugui de casa uma vez, fui expulsa do colégio por brigar com outra garota. Teve até polícia.*”



José Sarney e sua mulher Marly no lançamento do livro Meu pai vive de Arte no restaurante Carpe Diem, em Brasília

A senhora não ficou frustrada por deixar a pintura?

Não. A literatura me preenche em tudo, completamente. Foi realmente uma coisa resolvida na própria adolescência. Eu não teria me dedicado à literatura se não tivesse vivido muito cedo isso. Quando menina, não tive nenhum talento reconhecido para as Letras, ao passo que tive para a pintura. A literatura foi uma escolha muito minha, uma coisa que atinei que queria fazer. Posso dizer que isso nasceu da leitura.

Esse gosto pela leitura, de ser artista, é uma coisa de família?

Acho que de alguma forma. Minha mãe sempre falou dos antepassados, como a família Werneck, por exemplo. Ela era de uma família antiga do estado do Rio. Diferente do meu pai, que sempre passou a idéia de ter

que, mas achei que diria algo mais com a palavra, com a literatura.

Depois disso a senhora deixou de pintar?

Isso é uma outra história. Eu fui deixando de pintar paulatinamente. Eu deixei decididamente quando... Bom, eu fui casada 11 anos com um advogado que era colecionador de artes e ele dizia: "Artista tem que ser profissional, tem que se dedicar". Então eu achei que não tinha feito aquela opção, a minha dedicação era voltada para as letras. Eu escrevia, escrevo. Alguns livros eu mesma ilustro. E eu queria mandar as minhas ilustrações para a editora. E ele dizia: "Não".

A senhora viveu uma crise de criação?

Ah, sem dúvida... Eu nasci em um

momento onde as opções das artes plásticas eram mais complexas. Mudou muito hoje em dia. Quem tem pendor artístico, no caso das artes visuais, tem que fazer uma opção em determinado ponto da vida: se vai fazer desenho industrial, servir a indústria, a publicidade, ou se vai querer permanecer num ateliê — mantido não sei como —, pintando os meios de expressão tradicionais, como a pintura ocidental, mas a serviço da decoração, por exemplo. Eu não sei! Há tantas opções. O artista do meu tempo não pensou no figurativismo, simplesmente porque não era um momento figurativista. Senti um problema com isso. Penso que fiz mal em querer ser figurativista, naquela época. Hoje, expresso a figura com palavras.



nascido no nada. Eu conheci o Rio Grande do Norte há três anos. Nunca tinha ido lá, meu pai nunca falou da mãe dele, nunca falou do pai, nunca falou ... Eu descobri outro dia, pelo meu pai, que o pai dele trabalhava no cais, no porto, lá em Natal. Era um funcionário até modesto. Meu pai — mexendo em papéis e documentos antigos da família — descobriu em um desses registros profissionais da época a profissão do meu avô, estava lá: artista (risos). A gente vai descobrindo coisas. Eu tenho um tio, Nilson Patriota, que é da Academia Potiguar de Letras. É um jornalista conhecido lá em Natal; um outro também, Nelson. Então, fui me dando conta que na família só dá poeta.

Jornalista, poeta, escritor ...

É... (risos) No caso da família de minha mãe todo mundo é muito ligado a linguagem, a livros, por causa da minha avó. Me lembro dela, sempre materna, sempre declamando também. Só que o pai dela dizia que era para abafar aquilo: "Mulher não tinha nada que ser poeta". Então...

A senhora sempre diz em entrevistas que sua infância foi muito cheia, sem outra preocupação a não ser a de fazer arte...

Até quinze anos realmente não tive a menor preocupação quanto a estudo, idéias ou sei lá. Tinha uma segurança muito grande propiciada pela família. Fazia arte e depois brincava. Claro, vieram alguns problemas: fugi de casa uma vez, fui suspensa do colégio — por incrível que pareça —, por uma briga com outra garota.

Impressões...

Brasília

É uma cidade que oferece o que eu preciso, tem livros, não suficientes mas tem. Há um conforto, é uma cidade prática, diferente, e tem uma coisa que eu gosto muito: não tem quistos quatrocentões. Você conhece gente de tudo quanto é canto. Brasília tem a amostragem do país, é um microcosmo do Brasil. Isso torna a cidade interessante. Eu acho que é um lugar para ficar, se tá aqui é para ficar. Mas, sem dúvida alguma, é preciso contemplar a sua dimensão maior, isso aqui não pode mais ser visto somente como Plano Piloto. É um conjunto de dois milhões de habitantes! Está aí à volta. É Distrito Federal.

Brasil

Um país de luxo, miséria e beleza.

Livro de Cabeceira

Os grandes sonetos da língua portuguesa.

Literatura

Uma palavra grande mas que tem um sortilégio.

Autor

Monteiro Lobato, Balzac, Montaigne, Flaubert, Machado de Assis, Euclides da Cunha.

Música

Nossa melodia, nossos ritmos. Gosto muito da música norte-americana, de música clássica e da música negra — norte-americana ou brasileira — mais até do que da latina.

Filme

Os filmes da década de 40, os americanos: Dançando na chuva, Cidadão Kane, A volta ao mundo em 80 dias.

Personalidade

Joaquim Campelo Marques.

MST

Mais do que necessário, estava na hora.

FMI

Pode ser contido e encarado de igual para igual. Não vejo porque não.

Autor Injustiçado

As autoras brasileiras. Por exemplo, a Lygia Bojunga, o que ela escreve sobre a criação literária é uma reflexão muito profunda. Mas essa pecha de que é para o público juvenil... Acontece que os grandes romances do mundo são para o público juvenil. Os livros que ficam são aqueles que a gente lê quando tem 16, 17 anos. Não há por que, por exemplo, a Ana Maria Machado não estar na ABL. Tem-se um bando de homens, medalhões, alguns operaram nariz, já fez não sei o quê, são médicos, e estão lá. Não sei por que, como. Outra injustiça é a Júlia Lopes de Almeida, uma grande romancista: como mulher não podia entrar na ABL, puseram o marido dela, o Belinto de Almeida.

Família

Um conceito muito importante para mim. Sou ligada à família, representa uma necessidade de



pertencer, seja à pátria, seja a um grupo pelo laço da afinidade, do temperamento, da amizade.

Os Três Poderes da República

Os três são elite e ainda não se conscientizaram de que o povo precisa ser uno. É preciso que se modifiquem urgentemente. Essa elite precisa ter orgulho em tratar com dignidade, em gostar do brasileiro – qualquer que seja – como irmão e considerar essa pessoa primordial: feio, pobre, mal-acabado, não importa. Os Três Poderes da República estão muito distanciados do povo.

Fernando Henrique Cardoso

Eu acho que ele passa a idéia de ter sido um esquerdista que não amedronta, ou seja, um esquerdista que pode ser esquerdista porque é elite. Ele tem o mesmo perfil de Tancredo (Neves), de (José) Sarney. Todos frequentaram colégios particulares muito

caros, são intelectuais, elite. Essa diferença que ele tenta passar de um outro Brasil, um Brasil revolucionário, não é de toda verdade. Pelo menos, não da mesma maneira que seria com o Lula. Esse sim, para o bem ou para o mal – isso é outra questão – representa uma proposta realmente revolucionária. O Fernando Henrique tem uma boa presença – semelhante ao Collor –, uma boa estampa no exterior: fala línguas, é bem apessoado. Ele continua sendo essa esquerda que não amedronta ninguém, nem o FMI e nem a Ordem Internacional, e nem os Três Poderes da República.

Margarida Patriota

Mulher, sem dúvida, feminista sim, escritora, brasileira. Não só brasileira de nascimento, mas por escolha, o que tem a ver com a própria conquista da escrita. O escrever é também uma opção que a gente faz de viver a nacionalidade.

Teve até polícia! Então, eu realmente fazia arte! (Risos.)

A sua infância foi vivida no Rio de Janeiro?

Até oito anos, sim. Nasci e vivi no Rio de Janeiro. Depois fui para a Suíça e passei três anos lá, meu pai era diplomata. E depois um ano em São Francisco, nos EUA; foi quando eu fugi da escola. Com 14 anos eu fui para a América Central, onde fiquei um ano. De

volta ao Brasil, fiquei até os 19. Depois fui para o Canadá, onde fiz doutorado em Literatura Francesa.

No seu último romance, lançado na Bienal de São Paulo, há muitas semelhanças entre a senhora e Salviano – o narrador de *Meu pai vive de Arte*. Seria um autorretrato?

As maiores semelhanças são com questões como a de viver de arte. Tem uma relação comigo, sim, mas de outra fase. Também sou muito ligada a família e uma coisa que me impressiona muito é uma criança que não tem pai, não tem mãe. Eu tenho dois filhos que não conhecem o pai. Aí talvez até tenham algumas semelhanças.

A senhora acha que a família nos moldes tradicionais se sustenta em uma sociedade pós-moderna?

Eu respondo isso no livro. Todo mundo precisa de uma



família e todo mundo busca isso, mas as formas, hoje, são muito mais variadas: você pertence a uma família de intelectuais, você pertence a um grupo ideológico, você pertence a um convento — não muito comum hoje em dia. No caso da família nuclear, o menos importante é você ser ou não formalmente casado, ter tido dois ou três ou quatro maridos, você ter filhos que não são seus. Tudo está muito mais elástico, muito mais flexível.

Esses tipos de relações influenciam de uma forma negativa ou positiva a vida de um artista? Muitos maridos, muitos filhos....

Acho que cada um é um. Eu li numa entrevista da Virgínia Wolf um conselho para jovens aspirantes a escritoras. Um conselho específico para mulheres. Ela diz: "Não tenha muitos filhos". Quando você põe gente no mundo tem de dar alguma cobertura, atenção, mas quando a gente precisa de tempo...é mais complicado ainda.

Aliás, como a senhora concilia seu tempo de mãe com o de escritora?

Nisso a minha opção pela literatura ajudou bastante, escrevo da manhã até à noite: lavando louça, na fila de banco, dentro do táxi. Já com o pincel, com a pintura, você tem que ter o seu espaço; no momento que aquilo te evoca, você tem que



“*Todo mundo busca uma família, mas hoje as formas são muito mais variadas. O menos importante é você ser ou não formalmente casado, ter tido dois ou três ou quatro maridos, você ter filhos que não são seus. Tudo está muito mais elástico, mais flexível.*”

largar tudo. É diferente...

Como muitos escritores a senhora também tem um caderninho de fazer anotações que mais tarde podem ser utilizados em alguma de suas obras?

Eu anoto tudo, mas depois eu não sei onde anotei (risos). O que eu anoto muito são palavras que por um motivo ou outro me

despertam a atenção. Eu não sei ler um livro sem riscar, só leio com um caderninho do lado pra poder ficar rabiscando, anotando palavras.

Como é a relação de um escritor com o mundo, as palavras, os sons?

Eu acho que é uma sensibilidade lingüística. É uma sensibilidade não só na observação - como fala Gabriel Garcia Marquez. É olhar, reter e analisar. Isso ligado à palavra, porque

também esse processo poderia se traduzir em música ou pintura. Eu, por exemplo, me lembro das pessoas por palavras que me marcaram. Fui tratar de um problema no INSS, vinte anos atrás e daí eu me lembro de um funcionário que usou bem, com muita precisão, a palavra *crivo*; nunca me esqueci dele. Ligo pessoas a certas palavras. Não tenho o dom de improvisação, da oratória, por isso, tenho certeza de que escrevo, de certa maneira, por que quero ser perfeita no uso da linguagem e me sinto mais próxima disso, escrevendo.

Você tem um programa na Rádio Senado onde conversa com escritores. Como é fazer o Autores e Livros?

É um programa importante, gosto de fazê-lo: pelo amor ao livro, às letras, à palavra. O convite veio primeiro para o Campelo (companheiro de Margarida Patriota), que tem todas as credencias para fazer o programa. Ele me indicou e,

quando me falou, topei na hora. Fiquei meio insegura, porque não sei improvisar, não sou uma oradora, não tinha experiência de rádio. Mas era preciso por exemplo falar de um (José) Mindlin. E isso, eu sei que domino. Sei o que tá acontecendo no país, quem é quem, os escritores, os livros. Acompanho, vivo isso.

A senhora é muito assediada por escritores que desejam ir ao programa, falar na rádio sobre o trabalho deles?

Qualquer personalidade, qualquer escritor quer divulgar a sua obra. Claro, alguns têm mais espaço que outros. Por outro lado, o jornalista também está atrás da notícia, também quer matéria... Há uma procura dos dois lados.

Isso não enche você de vaidade?

Não, não. Na verdade o que me deixa mais feliz é quando vou aos colégios e tem aquela fila de garotinhos querendo o meu autógrafo, me sinto mais do que Xuxa. Fico diante de uns cem meninos que pegam um papelzinho e pedem pra eu botar meu nome, me sinto realmente a Xuxa...

Quais foram as conversas mais interessantes que a senhora já teve no programa?

Essa é uma pergunta difícil. Nesse programa aprendi uma

“*Escrevo da manhã até à noite: lavando louça, na fila de banco, dentro do táxi. Já com o pincel, com a pintura, você tem que ter o seu espaço, no momento que aquilo te evoca, você tem que largar tudo. É diferente...*”



coisa que não sabia: as pessoas ouvem rádio. O retorno que a gente tem é impressionante. Como, por exemplo, um rapaz a quem vendi minha casa anos atrás, me ligou só pra saber se eu era a Margarida Patriota do Rádio (risos). Mas todos que por aqui passaram têm algo interessante a dizer. Agora, sem dúvida, uma das entrevistas mais iluminadas foi a do (José) Mindlin. Durante a conversa, ele recita um poema muito bonito, muito singelo, de uma poetisa baiana, negra, pobre, que fala sobre o crescimento dos filhos.

Alguma história interessante?

Alguns figurões do mundo literário resistiram a ser en-

Cantiga das Mães

Fruto quando amadurece

Cai das árvores no chão

E filho depois que cresce

Não é mais da gente não

Eu tive cinco filhinhos

E, hoje sozinha estou

Não foi a morte, não foi

Foi, foi a vida que me roubou

Jacinta Passos

trevistados, mas alguns cederam, como o João Ubaldo (Ribeiro), a Lygia Bojunga, o Ziraldo. Agora, dentro do estúdio, posso dizer que muitos – agora em retrospecto – revelaram coisas que depois vieram à imprensa. Como o Zuenir Ventura, quando falou do seu livro *Inveja - um mal secreto*. Ele me deu muitas informações antes mesmo do livro ser publicado, falou de uma série de projetos literários, uma série de revelações que, se a gente for analisar, seriam furos jornalísticos – vieram ao programa, antes da divulgação pela grande imprensa.

Quem a senhora ainda não entrevistou e que gostaria de entrevistar?

Há muitos que eu desejaria, mas ainda não tivemos a oportunidade. Algumas pessoas eu sei que não dão entrevista, como o Rubem Fonseca. Uma das vitórias que eu tive foi da Lygia Bojunga. No primeiro contato ela foi muito franca, não quis – inclusive menciono isso na própria entrevista. Mas depois tive um contato maior com ela, quando participamos de uma mesa de trabalho sobre a Ana Maria Machado. E ela ficou sabendo melhor quem eu era e, na ocasião, mexi assim num pontinho essencial. E, quando ela veio com a história de “por telefone não, rádio não”, eu disse: “Você está esquecida de seus tempos de rádio?” Ela começou como radialista. A Lygia acha que todo mundo dá entrevista demais, fala demais e que a palavra se barateia. Concordo com tudo isso, mas às vezes a pessoa que lê um livro só quer ouvir um som, a voz do autor. É como se houvesse uma aura ligada àquela pessoa que escreveu o livro. Depois desses argumentos, ela



“*Vivia besuntada de tinta óleo, mas achei, não sei por que, que diria algo mais com a palavra, com a literatura*”

concordou em dar entrevista.

Desde que o escritor português José Saramago ganhou o Nobel de Literatura, há uma onda lusofônica no mundo... É um bom sinal para o futuro da língua portuguesa?

A minha ligação com a língua portuguesa é visceral. Eu não só vejo futuro para a nossa língua, como para o livro. Eu não concebo o mundo sem eles: a língua portuguesa e os livros. Numa entrevista que eu fiz com a Dad (Squarisi), ela menciona o fato de que alguém teria dito que daqui a cem anos, trezentos anos, eu não sei, estaríamos falando espanhol. (Risos).

Há quem fale até que oportunhol será uma das línguas do futuro...

O fato é que a língua portuguesa existe e é altamente sofisticada, a última flor do Lácio. O Brasil tem uma população expressiva, juntamente com Portugal e outros países onde se fala português. Não tenho o menor temor de que essa língua desapareça. Nós temos uma unidade lingüística muito grande. Acho que é um trabalho positivo que a Rede Globo teria feito (risos). Porque a televisão até modela, faz com que todo mundo ouça, de certa forma, a língua portuguesa com alguma uniformidade. É a língua que vou continuar falando até morrer...

E escrevendo também...

Sim. Eu acho que estou contribuindo para que a língua portuguesa seja perpetuada e amada. A Ana Maria Machado, quando partiu para a briga pela conquista do prêmio Hans Christian Andersen, disse que não se esquece de uma posição minha em uma mesa de estudos literários. Em resumo é o seguinte: “Tem algumas coisas que eu



gosto mais que as brasileiras: uma delas é o chocolate, prefiro o suíço ao brasileiro. Outras coisas não; farofa tem que ser a nossa. No que diz respeito à literatura, livros escritos no idioma que falamos sempre são superiores”. Digo isso porque o contato com a língua que você fala é uma coisa muito forte. Afinal, é a língua da sua mãe, do seu pai, é a língua em que você cresceu. Não estou querendo saber se Tolstói ou Dostoievski é superior à Machado de Assis ou Monteiro Lobato. Mas tenho certeza de que para uma ilha deserta eu levaria Machado de Assis e Monteiro Lobato, porque eles escrevem na minha língua. Se os bascos têm lá a língua deles e continuam falando, assim também terá sempre um grupo que irá falar português...

A senhora escreve para jovens adolescentes, não são somente livros para crianças, mas livros até para quem quer se iniciar no ramo da literatura... Escrever para adolescente tem a sua função, além de estética, didática.

Foi nesse gênero da literatura

“ Quando vou aos colégios e tem aquela fila de uns cem garotinhos querendo o meu autógrafo, me sinto mais do que Xuxa ”

que eu tive o maior retorno, e é por isso que eu cultivo essa linha. Não adianta ficar dando murro em ponta de faca. Há uma série de romances, inclusive esse (*Meu pai vive de Arte*), que eu não escrevi para jovens. Ele ganhou o prêmio do Instituto Nacional do Livro (INL), de melhor romance do Centro-Oeste. Mas é difícil, porque autor de Brasília fica de fora. Há toda uma problemática de conseguir viver de literatura, vender o seu produto. Acho que eu teria mais livros publicados se fosse mais condescendente e escrevesse mais para os jovens. Alguns livros que eu fiz, como *Memórias de um pingo d'água*,

intencionalmente pensei: “Vou escrever para adolescentes”. Outros não. Tenho um livro de lendas indígenas; simplesmente fiz um trabalho de contos.

No seu último romance, *Meu pai vive de Arte*, a questão predominante do livro é o amor pela arte versus a luta pela sobrevivência. Se Margarida Patriota tivesse que escolher, qual seria a opção?

Eu não concebo a atividade de escritora sem publicar. É um caminho da comunicação, se ficou na gaveta você não atingiu o seu objetivo. Tenho um livro que eu gosto muito, que prezo muito, que acho até que é a coisa mais original que fiz. É o *Mafalda Amaz'ona*, uma edição de pouco retorno comercial; por quê? Porque o trabalho de linguagem é experimental. Eu imagino uma comunidade matriarcal, antes do Brasil ser descoberto, onde as mulheres mandam e os homens nasceram para varrer chão, catar piolho...

Quando um autor escreve uma obra que ele acha absolutamente original e não consegue publicá-



la, é um insucesso? Como administrar isso?

Eu administro da seguinte forma: o livro é tão bom que eu publico nem que tiver que pagar. (Risos). Então eu digo: esse livro vai sair de alguma maneira. Não sei como, mas vai. E sigo pensando assim e tentando fazer com que as coisas aconteçam.

A senhora tem hora certa para escrever?

Sou matutina; é raro o dia em que não escrevo, mas estou tendo mais dificuldades agora, porque em casa a minha hora de escrever não é muito respeitada. Todo mundo entra no meu quarto a qualquer hora, porque ninguém

pensa que escrever é um trabalho importante. Meus filhos falam comigo e eu não ouço. E então eles dizem que eu não estou prestando atenção ao que eles estão dizendo. Mas é porque eu não posso! (Risos).

Mas a senhora escreve 24 horas por dia...

Acho que sim, porque não sei ler sem prestar atenção às palavras. Estou sempre procurando palavras que possam ser

usadas nos meus textos; sempre que escuto ou leio uma que me chama atenção, anoto. Outro dia ouvi um deputado empregando uma palavra no rádio, não me lembro agora, mas na hora pensei: "Essa aí é a palavra que eu queria".

A senhora conseguiria viver da pena?

Não, mas pago Imposto de Renda pelo que escrevo. Eu recebo direitos autorais, mas não dá pra viver. Sei lá. Depende, deve dar um seis mil reais por ano. Eu declaro e já complementa a renda...

Programa Autores e Livros

Apresentação: Margarida Patriota
Sábado às 10h30 e domingo às 19h30
Rádio Senado FM - 91,7 MHz
Internet: www.senado.gov.br

UnB

Eu gostaria de ver, pelo menos, arte e literatura mais soltas nessa UnB. Menos subordinada à Capes, ao CNPq, à Administração, à burocracia. Eu gostaria de ver uma espécie de Centro das Letras que pudesse ser muito mais solto. Assim se fazem verdadeiros professores de literatura. Por outro lado, o alunado de Letras deixa muito a desejar, principalmente em função da sistemática de seleção. Como a pontuação é feita no âmbito geral, os mais estudiosos, às vezes até os mais vinculados às Letras, entram para Medicina, Engenharia... Quem se interessa realmente por literatura acaba entrando em outros cursos. Nas Letras entra quem teve, em vez de 400, 20, 25 pontos. Isso se reflete na própria UnB. Eu gostaria de ver mais gosto pelo livro, pelo prazer de ler. Não há. É difícil. Claro, há exceções. Felizmente, sempre temos aqueles alunos que justificam a nossa profissão, sempre há no rebanho aquele apaixonado pela leitura.

Também há muito falatório na UnB. Eu gostaria de ver um lugar mais silencioso, onde se pudesse trabalhar, escrever - eu não escrevo na UnB, nem leio na UnB; vou às reuniões ou dou aulas. É impossível! Isso não é uma metáfora, não falo só dos corredores, das instalações. Realmente, não há silêncio. Não tenho temperamento para nada administrativo, como reuniões. Tenho horror a essas coisas. E eu gostaria de ser mais solta para desenvolver trabalhos mais criativos. Eu vejo que em outros sistemas universitários - que funcionam também - o professor tem



“*Sempre temos aqueles alunos que justificam a nossa profissão*”

essa flexibilidade. Na UnB fica tudo muito amarrado; eu queria um ambiente mais solto: o Instituto de Letras fazendo o que é da sua área. Existe muita burocracia, muito.. sei lá, tantas instâncias: formulários a preencher que você não entende - porque foi feito para quem lida com micróbios, para biólogos, para físicos nucleares -, questões para serem respondidas da mesma maneira por um professor de literatura. São critérios curiosos. De qualquer forma, a UnB é um espaço rico, propicia o enriquecimento das idéias, é um ambiente de pessoas muito interessantes. A Universidade de Brasília ainda é um foro de efervescência importante aqui no Distrito Federal, porque oferece um clima de dinamismo de idéias, de debate. Mas já está no momento de esse debate ser mais direcionado para uma pesquisa livresca maior.

Como é conciliar a UnB com a atividade de escritora?

De certa maneira eu orientei a minha carreira acadêmica dando prioridade ao currículo. Acabou ficando muito eclético e hoje em dia o forte nele é a ficção mesmo. Então eu trabalho nas férias, eu trabalho durante as licenças, procuro escrever. Porque no período de aula é muito difícil, não dá para escrever na UnB. Apesar de não dar aula todos os dias, o período de leitura e correção de textos toma bastante tempo. Literatura não é como língua, porque língua, você sabe, você pode dar aula; você sabe português, você pode dar aula de português. Falo isso porque dei aula de francês por um tempo. Mas para a literatura a gente não tem dados na memória.